Devison Amorim do Nascimento

Eu que Vi, eu que Vi

(O Resgate do Animais)

Belém, 2008

Capítulo I

A floresta amazônica é um lugar muito bonito com grande número de espécies vegetais e animais, por isso dizem que ela é rica em biodiversidade. É uma mata muito grande que se estende por muitos países: Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Venezuela e Guianas.

A estória que vamos conhecer agora se passa na Amazônia brasileira. A Amazônia brasileira abrange nove estados do nosso país que são: Pará, Roraima, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão.

Era um dia aparentemente comum na floresta, tudo corria como de costume. Os animais iam e vinham por todos os lados, em seus afazeres diários. Alguns pássaros cantavam alegremente anunciando o raiar do dia, outros alimentavam seus filhos lhes dando comida no bico, outros construíam seus ninhos nos galhos das árvores, os peixes nadavam de um lado para o outro em busca de seus alimentos e os mamíferos saíam em suas caçadas atrás de comida para si e seus filhos.

Na beira do lago, vaidosa como sempre a Pavoa tomava seu banho matinal.

Ao sair da água se sacudiu delicadamente para se secar e, depois de enxuta, olhando para o próprio reflexo na água, pôs-se a pentear com o bico as suas belas plumas coloridas.

Estava concentrada em sua atividade quando se assustou com um forte grito que ecoava por entre as árvores.

- Eu que vi, eu que vi – Dizia a voz, repetidas vezes.

Diante daquele escândalo a Pavoa imediatamente olhou para todos os lados, em busca do responsável pela confusão. Finalmente avistou o Bem-te-vi que havia acabado de pousar num galho de uma árvore.

- Eu que vi o quê? Seu pássaro insolente! – Falou a Pavoa irritada – Como te atreves a fazer tal escândalo em minha presença? Não vês que estou ocupada, cuidando de minha beleza?!

- Eu que vi, eu que vi – Falava o Bem-te-vi – Eu que vi tudo o que aconteceu.

- E o que aconteceu de tão sério para que venhas aqui me perturbar?

- Eles foram presos, foram todos presos: a Onça Pintada, a Jaguatirica, a Arara Juba, e o Papagaio Verdadeiro.

-Do que estás falando? Não estou entendendo nada.

- Os homens estão aqui na floresta.

- E o que tem demais nisso? É sempre a mesma coisa. Eles vêm aqui, nos observam e depois vão embora.

- Mas esses não são apenas pesquisadores, são caçadores. Estão aqui para nos prender e nos levar embora da floresta.

- Ai! – Gritou a Pavoa – O que será que querem fazer conosco?

- Meu primo que já foi na cidade uma vez me disse que alguns homens querem animais para deixá-los presos a vida inteira e outros os matam para comer, fazer enfeites e roupas com suas peles e penas.

- Não! Minhas lindas plumas arrancadas de meu corpo, isso não pode acontecer. Não posso viver sem elas!

- Precisamos avisar aos outros animais da floresta e resgatar nossos amigos que estão prisioneiros.

- Como assim?

- Só tem um jeito de nós nos salvarmos, temos que unir nossas forças. Se nos juntarmos poderemos ajudar nossos amigos a fugir e dar um susto nesses homens para que não nos perturbe nunca mais.

- O quê? Por acaso pensas que vou sair por aí arriscando minhas plumas para salvar os outros? Não, vou salvar é a mim mesma e vou fazer isso agora me escondendo em um lugar bem seguro.

- Mas Pavoa ...

A Pavoa não quis mais ouvir o que o Bem-te-vi tinha para falar. Olhou-se mais uma vez nas águas do lago, virou-se de costas para o pássaro e começou a andar em seus passos elegantes. Atrás, o Bem-te-vi falava como um louco tentando convencer a outra ave. Quando de repente algo aconteceu. Bumba! A Pavoa havia sido capturada em uma armadilha feita de cordas, que a prendeu pelos pés e dependurou-a sobre um galho.

- Está vendo – Falou o Bem-te-vi ainda mais assustado que antes – Se não fizermos algo vamos todos ser capturados.

- Ai, eu não acredito que uma dama de nobre estirpe como eu esteja passando por uma coisa dessas! Isso é um absurdo! Para de falar e faz alguma coisa pra me tirar daqui seu bobalhão.

- O que eu faço?

- Vai procurar ajuda.

Mal a Pavoa havia terminado de falar, quando um outro animal chegou ao lugar. Era a Cutia.

- Cutia, minha linda, você chegou na hora certa – Disse a Pavoa.

- O que é isso amiga? Porque está aí em cima, por acaso está fazendo algum tratamento de beleza novo?

- Cutia! – disse a Pavoa, em tom de impaciência.

- É que ela caiu numa armadilha dos caçadores.

- Os caçadores! Estão aqui?

- Você já sabe quem são eles? – Perguntou o Bem-te-vi.

- Sei sim, infelizmente tive o desprazer de encontrá-los quando morava em outra parte da floresta.

- Precisamos fazer alguma coisa para mandá-los embora daqui.

- É verdade.

- Que bom que pensa assim. Eu estava tentando convencer a Pavoa disso, mas ela não quis nem saber. Só estava pensando em se esconder e veja o que aconteceu.

- Dá para parar de jogar conversa fora arranjar um jeito de me tirar daqui – Esbravejou a Pavoa – Já estou ficando tonta de ficar de cabeça para baixo.

- Ah claro! Posso fazer isso num instante.

A Cutia olhou para corda e viu que ela estava amarrada no tronco de uma árvore. Correu até lá e, com seus dentes afiados, roeu a corda até quebrá-la. Quando terminou o trabalho percebeu que sua amiga Pavoa havia se estatelado no chão.

- Ai que horror! Não acredito que isso aconteceu comigo.

- Isso pode acontecer com qualquer um de nós – Disse o Bem-te-vi – é por isso que temos que nos juntar.

- É verdade! – Falou a Cutia.

- E agora, depois do que aconteceu com você, se convenceu que temos que agir? – Perguntou o Bem-te-vi.

- Tudo bem – falou a Pavoa – Mas aviso logo que não posso fazer coisas que estraguem minha beleza.

- É isso aí – Disse o Bem-te-vi, com entusiasmo – agora precisamos reunir mais animais, de preferência os bichos mais fortes que nós.

- Como quem, por exemplo? – Perguntou a Cutia, preocupada.

- Pensei na Onça Suçuarana e na Anta.

- Está louco? – Gritou a Cutia – A Suçuarana vai nos devorar.

- Não vai não. Tenho certeza que se explicarmos a situação ela vai colaborar conosco.

- Falas isso, porque podes voar, mas nós não podemos – Falou a Pavoa – Não vou de jeito nenhum falar com a Suçuarana; com a Anta tudo bem.

- Ai, não! Vai começar de novo. - Desabafou o Bem-te-vi – Por favor, não podemos ter medo.

- Tudo certo – Falou a Cutia – Se é para o nosso próprio bem vou fazer esse esforço.

- Mas eu ...

- Você nada Pavoa – Interrompeu a Cutia – Nós vamos e está decidido.

E assim, os três saíram pela floresta amazônica à procura da Onça Suçuarana e da Anta. Depois de caminharem por alguns minutos, o Bem-te-vi pousou numa árvore.

- Vamos pedir informação.

- Informação a quem, seu Bem-te-vi maluco? Não tem ninguém aqui!

- Você precisa prestar mais atenção ao se redor minha amiga – Falou a Cutia – Olhe bem para o galho que está acima de você.

O galho ao qual a Cutia se referia pertencia a uma árvore bem ao lado daquela em que o Bem-te-vi havia acabado de pousar. A Pavoa olhou atentamente para o galho, parecia não haver nada ali. Repentinamente percebeu um movimento estranho, era uma cobra! A Pavoa deu um pulo para trás, assustada.

- Quem é você?

- É a Cobra-cipó

- Que cor mais proveitosa, hein! Verde desse jeito é muito fácil confundir você com os galhos das árvores. Assim pode se esconder facilmente de qualquer um – Concluiu a Pavoa.

- Coisas da natureza, minha senhora – Disse a Cobra-cipó – Ao que devo a parada de vocês para me cumprimentar?

- Precisamos de seu auxílio – Disse o Bem-te-vi, da outra árvore em que estava. Queria se manter bem longe da cobra para não correr o risco de ser devorado – Por acaso viu a Anta e a Onça Suçuarana?

- Huum! Mais que curioso! Uma Pavoa, uma Cutia e um Bem-te-vi procurando uma Onça Suçuarana. Querem ser devorados? Ou, por acaso, esqueceram a regra natural da cadeia alimentar – Silvou a Cobra.

- A situação é séria Cobra-cipó, precisamos esquecer um pouco a cadeia alimentar para o bem de toda essa floresta – Falou a Cutia - Vamos te contar o que está acontecendo.

Em poucas palavras os três animais contaram à Cobra-cipó sobre os caçadores. A Cobra logo entendeu e forneceu a informação solicitada.

- Passaram por aqui a pouco, sigam na direção daquela árvore – A cobra indicou a direção com a língua – Mas sejam rápidos, a Onça Suçuarana estava à caça da Anta, se demorar a encontrá-los vai ser tarde demais.

- Obrigado! – Falou o Bem-te-vi para a Cobra-cipó e, virando-se para a Cutia e a Pavoa, completou – Vamos, precisamos correr.

- Eu correr! - Retrucou a Pavoa – Minhas plumas vão ficar assanhadas!

- Vem logo!

Quando a Pavoa se deu conta os dois já haviam saído apressadamente pela floresta, deixando-a para trás. Olhou para a Cobra-cipó que a observava calmamente e resolveu sair logo dali para garantir que não fosse atacada. Desatou-se a correr.

- Ei, vocês! Esperem por mim seus insensíveis!

Correram bastante até chegar a uma parte mais densa da floresta. Lá estava a Anta se esgueirando contra a parede de uma rocha, tremendo de medo. À sua espreita, a Onça Suçuarana estava pronta para atacar.

- Pare com isso Suçuarana – gritou o Bem-te-vi.

A Onça Suçuarana olhou para trás, estava surpresa. A Anta também olhava atonitamente para aqueles três animais que haviam chegado, sentia um misto de surpresa, alívio e alegria. Tanto a Onça como a Anta se perguntavam o que estava acontecendo, por que aqueles três estavam se arriscando para salvar o animal encurralado.

- O que é isso – Vociferou a Onça Suçuarana – Malucos tentando salvar uma presa? Ora, ora, ora! Minha refeição aumentou.

A Onça Suçuarana andou lentamente em direção aos três que haviam chegado.

- Ai, eu sabia que não devia ter me metido nisso! – Gritou a Pavoa.

A Onça Suçuarana se preparou para saltar em cima das novas presas. Prevendo a ação, o Bem-te-vi gritou para impedir o ataque.

- A Onça Pintada está presa!

Ao ouvir o nome da Onça Pintada, sua prima distante, a Suçuarana desarmou o ataque.

- O que disse?

- É isso mesmo, a Onça Pintada, a Jaguatirica e muitos outros animais foram capturados por caçadores. Temos que lhe explicar tudo com calma, mas pra isso quero que me garanta que não vai nos comer.

A Onça Suçuarana pareceu desconfiada.

- É sério, precisa acreditar em nós, a floresta corre perigo.

- Tudo bem, podem falar.

A Cutia que assistia a tudo paralisada percebeu que a Anta estava fugindo de mansinho.

- É importante que você fique também.

A Anta olhou para a Cutia, sem saber o que fazer.

- A Suçuarana não vai atacar, não ouviu ela falar?

- Tudo bem, eu fico – Disse a Anta.

A história da captura dos animais foi contada mais uma vez. A Anta e a Onça Suçuarana resolveram participar do resgate dos animais presos. A equipe do resgate, um quinteto, estava formada.

E assim, os cinco animais saíram mata adentro para ajudar os amigos.

Capítulo II

- Aonde fica essa cabana em que você viu os outros animais presos – Perguntou a Anta.

- Do outro lado do rio – Falou o Bem-te-vi – Vamos demorar um dia inteiro para chegar lá, isso se não pararmos em nenhum lugar.

- Um dia inteiro andando, sem descansar – Disse a Pavoa – O que eu fiz para merecer isso?!

- Vê se para de reclamar um pouco – Vociferou a Onça Suçuarana – Já estou cheio de suas lamentações.

- Vejam só quem está ali nos observando – Disse a Anta – é o Camaleão.

Todos olharam para o Camaleão que estava tentando se esconder em baixo de um monte de folhagens secas. O réptil estava camuflado em uma cor marrom, para confundir-se com as folhas. Mas o disfarce que sempre dava certo dessa vez falhou e ele foi visto pelos outros animais.

De imediato, o Camaleão correu em direção a uma árvore, escalando-a e se enfiando entre seus galhos folheados. Mudou de cor para não ser achado. Ficou com a pele totalmente verde.

- Não precisa se esconder – Disse a Cutia – Somos amigos, estamos necessitando de sua ajuda.

O Camaleão ficou no seu esconderijo observando os animais embaixo da árvore.

- Vamos, apareça! - Disse a Onça Suçuarana – acha que se eu quisesse devorar alguém, estava andando ao lado de uma Cutia, uma Anta, um Bem-te-vi e uma Pavoa? Desça daí, temos coisas importantes para dizer.

O Camaleão achou pertinente o que a Onça Suçuarana tinha acabado de falar. Não era nada normal esses animais, que geralmente serviam de alimentos uns aos outros, andarem juntos. De fato alguma coisa estava acontecendo. Sendo assim, o Camaleão resolveu descer para dialogar com o quinteto.

A situação foi explicada.

- Não posso acompanhar vocês, mas desejo ajudá-los – Falou o Camaleão – Relatarei o que acabaram de me falar a todos os animais que encontrar.

- Boa idéia – Concluiu a Anta – Se a notícia se espalhar pela mata encontraremos mais bichos para ajudar. Uniremos a força de toda a floresta e aí expulsaremos esses homens maldosos de nossa casa.

- Olhem, ali vêm duas Borboletas brancas com manchas prateadas – Disse a Onça Suçuarana – Podemos pedir a elas que espalhem a notícia.

Bastaram apenas alguns minutos de conversação para os lepidópteros entenderem que seu auxílio era importante.

- Pode deixar com a gente, galera – Falou uma das Borboletas – Vamos espalhar a notícia por todos os lugares dessa floresta.

As Borboletas voaram para levar a notícia aos demais bichos do lugar. O quinteto se despediu do Camaleão e seguiu sua jornada rumo à cabana dos caçadores.

Ao cair da tarde, no meio do caminho, o quinteto encontrou alguém inesperado sentado sobre uma pedra. Dessa vez não era um outro animal. Parecia um homem, mas também não era humano. Era uma criatura esquisita, em quase tudo lembrava um menino. Tinha somente duas diferenças que chamavam muita atenção: seus pés eram virados para trás e seus cabelos eram feitos de grandes chamas de fogo. Era o Curupira.

O Curupira é um ser encantado que protege a floresta dos homens maus.

- Estava esperando por vocês – Disse o Curupira.

- Então já sabe? – Perguntou o Bem-te-vi.

- É claro que sim, sei tudo o que acontece nesses matos.

A Pavoa que há horas estava carrancuda por ter que andar sem parar mudou de humor logo que viu o Curupira. Correu ao seu encontro.

- Ai, eu não acredito – Gritou alegremente – O Curupira em carne e osso, é muita emoção. Minhas amigas vão morrer de inveja quando falar que te conheci pessoalmente. Ai mas que cabelo mais chique! Precisas me ensinar como fazer isso...

- Isso não é hora de pensar em cabelo, amiga – Interrompeu a Cutia – Temos coisas urgentes a tratar.

- Ai, eu sabia que vocês iam estragar o meu prazer – Esbravejou a Pavoa – Depois de horas andando feito louca não tenho ao menos o direito de cumprimentar um cavalheiro da mais alta linhagem dessa floresta. Homessa! Não é todo dia que tenho esse privilégio.

O Curupira que até então estava sério não pôde conter uma gargalhada. Todos riram junto a ele.

Terminado o momento de empolgação da Pavoa, voltaram a falar do problema.

- Esperei vocês aqui para dizer que vou ajudá-los. Esses caçadores têm que ir embora daqui.

- O que vai fazer – Perguntou a Anta.

- Não vou acompanhá-los, meu auxílio chegará somente na hora certa – Explicou o menino de cabelo de fogo - Vocês devem seguir viagem até a cabana,

quando chegarem lá surgirei para mandarmos os caçadores para bem longe de nossa mata. Não se preocupem, no caminho encontrarão mais animais dispostos a colaborar.

Após dizer essas coisas o Curupira desapareceu na floresta tão misteriosamente como surgiu.

- Oh céus! Que cavalheiro! Que cavalheiro! – Disse a Pavoa.

Seguiram o caminho. Já estava quase de noite quando um animal surgiu em frente a eles. Era o Macaco Guariba, que havia acabado de descer do alto de uma árvore.

- Olá companheiros.

O Bem-te-vi reconheceu o amigo, ficou feliz em vê-lo.

- Que bom te reencontrar companheiro.

- Também fico feliz em te rever – Falou o Macaco Guariba – Mais feliz ainda em saber que conseguiu ajuda.

- E você, o que conseguiu?

- Consegui falar com os Jacarés Açu que vivem no rio que dá acesso à cabana dos caçadores, estão prontos para ajudar em qualquer coisa.

- Ótimo, creio que vamos precisar de ajuda para fazer a travessia.

- Além disso, consegui falar com um ser muito especial.

- Com quem? – A pergunta dessa vez partiu da Onça Suçuarana.

- Ele.

Um outro ser surgiu do meio das árvores. Era um ser que lembrava um macaco. Era grande, peludo e possuía apenas um olho no meio da testa e uma enorme boca no meio da barriga. O Mapinguari.

- Ai que sorte – Exclamou a Pavoa, pulando de felicidade – Dois famosos da mata num mesmo dia. Oh, céus! É muita emoção para uma ave só.

Mas dessa vez ninguém falou nada a respeito das emoções da Pavoa. As coisas estavam cada vez mais sérias.

- Também vai nos ajudar – Concluiu a Anta.

- Sim, quando chegarem lá – Disse o Mapinguari - Daremos um jeito de mandar os homens embora.

A conversa com o Mapinguari foi bem mais curta do que com o Curupira. Tal como o menino dos pés virados, o ser de um olho só também sumiu após falar algumas poucas palavras.

- Ai isso já está ficando chato – Desabafou a Pavoa – Todos os famosos da floresta fala só um pouco e depois desaparecem.

- Então agora vou me juntar a vocês – Disse o Macaco Guariba - Vou ser útil na hora do resgate.

- Sendo assim, devemos seguir – Falou a Cutia.

- Melhor não, já está anoitecendo – Retrucou o Macaco – Precisamos descansar. Não vai adiantar nada chegarmos cansados à cabana dos caçadores, pois em vez de salvarmos nossos amigos iríamos ser capturados. Cansados seremos presas fáceis.

- É verdade – Falou o Bem-te-vi – Além do mais já estamos perto, vamos parar para descansar. Pela manhã retomaremos o caminho.

- Finalmente – Exclamou a Pavoa – Até que enfim ouvi uma coisa boa.

- Não é perigoso? – Perguntou a Cutia, em tom de preocupação – Às vezes os homens saem para caçar animais noturnos. Estamos perto da cabana deles, se nos encontrarem dormindo estamos perdidos.

Nesse momento ouviram um forte bater de asas. Era uma Coruja que havia acabado de chegar. O pássaro ouviu o final da conversa.

- Podem descansar tranqüilos – disse a Coruja – Fico aqui, de olhos bem abertos, vigiando. A qualquer sinal dos homens acordo vocês. As Borboletas me avisaram de tudo. – Concluiu, em tom explicativo.

- Certo – Falou o Bem-te-vi – Então está tudo resolvido.

Todos se acomodaram e dormiram tranqüilamente, pois durante toda a noite nenhum humano apareceu por ali. A Coruja havia ficado como um verdadeiro soldado, cuidando da segurança dos amigos.

Na manhã seguinte, quase todos se levantaram cedo para continuar a missão. Agora o quinteto havia se transformado num sexteto de animais.

- Não posso seguir com vocês – Disse a Coruja – Só faço as coisas melhor durante a noite. Desejo boa sorte.

- Muito obrigado – Disseram todos.

Estavam prontos para seguir, precisavam somente acordar a Pavoa, que ainda dormia. A Cutia se encarregou do trabalho.

- Amiga, amiga – Dizia a Cutia, em voz baixa – É hora de acordar.

- Ai não, me deixa dormir só mais um pouquinho.

- Não pode, precisamos ir.

A Pavoa se levantou a contragosto e seguiu com os outros, muito chateada.

- Sair assim de manhã cedo, sem ao menos tomar um banho de lago – Reclamava ela – Vejam só as minhas plumas, parecem um monte de folhas secas!

Andaram por mais um bom tempo até, por fim, chegarem à beira do rio. Avistaram a cabana dos caçadores, na outra margem. Nem sinal dos homens. A Pavoa que, há muito queria tomar um banho, teve vontade de correr e se jogar no rio. Só não o fez porque sabia que o lugar era habitado por Jacarés.

- Os caçadores devem estar dormindo – Falou a Onça Suçuarana - É um bom momento para agirmos.

- E agora? Onde estão os Jacarés que você falou que ia nos ajudar a atravessar o rio? – Perguntou a Anta, se dirigindo ao Macaco Guariba.

- Vejam, já estão saindo da água – Respondeu o Macaco – Devem ter sentido nossa presença.

Quatro Jacarés Açu emergiram da água e se aproximaram do sexteto.

- Sejam bem vindos – Disse um dos Jacarés – Estamos prontos para ajudar. Como vamos fazer?

- É simples – Falou o Bem-te-vi – A Suçuarana e a Cutia podem atravessar sozinhas. Eu vou pelo ar. Resta apenas o Macaco e a Pavoa, creio que vocês podem atravessá-los sobre vocês.

- Eu atravessar o rio em cima de um Jacaré – Falou a Pavoa – Ai que chique!

- Podemos fazer isso sim, vamos suba! – Disse um Jacaré, se referindo à Pavoa.

- E você, suba em mim – Falou o outro, para o Macaco Guariba.

Todos se puseram a postos e fizeram a travessia em silêncio para não chamar a atenção dos caçadores. Chegaram ao outro lado do rio com sucesso.

- Pronto, estamos aqui – Disse a Onça Suçuarana – Agora é hora de agir.

Capítulo III

- Temos que ter cuidado – disse a Cutia – os homens possuem uma coisa que chamam de revólver. É um instrumento que cospe fogo, pode matar qualquer um de nós num piscar de olhos.

- Vamos cercar a cabana – falou o Bem-te-vi.

- Esperem, não devemos esperar mais um pouco? – Perguntou a Anta – Lembrem-se que o Curupira e o Mapinguari nos prometeram ajuda.

- Acho melhor não esperar mais nada – disse o Macaco Guariba – Temos que aproveitar que os caçadores estão distraídos. Além do mais, conheço o Mapinguari. Ele vai aparecer quando menos esperarmos.

- Então vamos atacar logo – Falou a Onça Suçuarana, impaciente.

- Isso mesmo – Concordaram os quatro Jacarés.

- Então tudo bem. A estratégia é a seguinte – Explicou o Bem-te-vi – Vamos nos espalhar ao redor da cabana e entrar silenciosamente. A Onça Suçuarana e os Jacarés assustam os caçadores e enquanto isso nós soltamos os animais. Quando estiverem todos salvos aí sim expulsamos os caçadores da floresta, mas é importante saber que nossa missão é apenas de assustá-los para irem embora. Não podemos ferir ninguém.

- Por que não podemos machucá-los se eles fazem exatamente isso com a gente? – Contestou um Jacaré.

- Não devemos praticar atos maldosos somente porque os homens agem incorretamente. O mal não deve ser retribuído com mais maldade – Disse o Bem-te-vi – Todos merecem uma segunda chance.

- É verdade – Concordou o Macaco Guariba – Quem sabe depois que forem embora pensam melhor e decidem parar de caçar animais.

- Muito bem – Falou o Jacaré – Vocês me convenceram.

- Então já que está tudo combinado, vamos logo soltar nossos amigos – Disse a Cutia.

Então os animais fizeram o que estava decido, rodearam a cabana e depois entraram da maneira mais silenciosa possível. Não foi difícil ter acesso ao lugar, pois alguém tinha deixado a porta aberta. Lá dentro havia dois homens dormindo sobre esteiras jogadas no chão.

O Bem-te-vi foi o primeiro a entrar para avisar aos animais presos acerca do resgate e pedir silêncio para não acordar os caçadores. A Onça Suçuarana e os Jacarés entraram em seguida e se posicionaram perto de onde os caçadores estavam, para assegurar que eles não atrapalhassem o resgate. A Anta, a Cutia e a Pavoa ficaram na porta esperando. O Macaco Guariba se aproximou das jaulas para abri-las, pois suas mãos facilitavam o trabalho.

Quase todas as gaiolas foram abertas silenciosamente. Somente a última quebrou o silêncio, pois suas fechaduras enferrujadas causaram um leve barulho que foi suficiente para acordar os caçadores. Mesmo assim houve tempo de soltar todos os animais que estavam cativos: A Onça Pintada, a Jaguatirica, a Arara Juba, e o Papagaio Verdadeiro.

- Estamos livres de novo – Falou a Onça Pintada alegremente.

- Viva! Viva! – Disse o Papagaio Verdadeiro.

Mas não tiveram tempo de comemorar muito já que os caçadores haviam acabado de acordar. Tinham cumprido a primeira parte do plano: soltaram os animais. Entretanto, ainda precisavam cumprir a segunda parte: expulsar os homens da floresta.

Quando os caçadores acordaram e se viram no meio de um monte de animais olhando para eles ameaçadoramente, ficaram imóveis.

- Ai meu Deus! – Gritou um dos caçadores.

A Onça Suçuarana e a Onça Pintada andaram rumo a eles, empurrando-os em direção a porta. Logo todos os animais faziam o mesmo percurso. Percebendo que a intenção dos animais era de colocá-los para fora da casa os caçadores começaram a andar de costas, em passos lentos, para sair. Assim continuaram até metade do caminho em direção ao rio, onde estava o barco em que chegaram à Amazônia.

Até ali tudo que os animais tinham planejado estava dando certo.

Mas, de repente, Pow!Pow! Todos ouviram um barulho muito forte. Eram tiros.

O homem que apareceu subitamente também era caçador e havia acordado cedo para espalhar armadilhas pela floresta. Após terminar o trabalho voltou para a cabana e quando chegou ao local viu o ataque dos animais aos demais homens. Empunhou a arma e atirou, na tentativa de espantar os animais. Felizmente nenhum animal foi ferido.

- Ele está com uma arma – Gritou a Cutia, desesperadamente – Fujam todos!

E assim todos correram em uma só direção para se embrenhar na floresta e quando se deram conta os três caçadores os perseguiam furiosamente pela mata, atirando para todos os lados. Os outros dois caçadores haviam sido rápidos em entrar na cabana, pegar suas armas e ajudar na perseguição.

Teriam conseguido capturar algum dos animais se algo inesperado não tivesse acontecido. Slim! Inexplicavelmente tinham se perdido na floresta e perdido os animais de vista. Ficaram horas vagando na mata, andando em círculos.

- O que está havendo? – Indagava um dos caçadores – Antes andávamos nessa floresta com a maior facilidade e agora estamos perdidos.

Atrás de uma árvore, o Curupira os observava. Foi ele que, usando seus poderes mágicos, fez com que os homens se perdessem. Depois de dar tempo para os animais fugirem desfez sua magia para que os homens chegassem à margem do rio.

Quando se deram conta de estavam perto do rio, próximos da cabana, não entenderam nada, mas decidiram entrar para de descansar.

- Malditos animais! Capturaremos todos novamente.

No entanto, quando estavam chegando à cabana tiveram uma visita nada agradável. Deram de encontro com o Mapinguari.

- É um monstro.

- Essa floresta é mal assombrada

- Vamos embora daqui.

Os três caçadores falavam ao mesmo tempo. Estavam com muito medo, brancos como uma folha de papel e com os cabelos arrepiados parecendo esponjas de aço.

Depois daquilo que tinham visto nem sequer pensaram duas vezes, deram meia volta e entraram no barco. Foram embora da floresta.

Por detrás das árvores os animais olhavam o barco dos caçadores se afastar da floresta até sumir no horizonte. Todos os animais estavam muito felizes por ter conseguido realizar o objetivo de mandar os homens embora da mata. Assim podiam voltar a viver normalmente como estabelecia a lei da natureza, sem a intervenção de ninguém.

Com essa aventura aprenderam a se conhecer melhor e perceberam também que a união e o trabalho em grupo podem fazer muitas coisas.

Todos que participaram do resgate resolveram fazer uma grande festa na floresta para comemorar a vitória.

- Uma festa – Disse a Pavoa, com entusiasmo – Ai que boa idéia, vou fazer um penteado muito chique em minhas plumas!

Todos riram.

A festa foi o acontecimento mais importante de toda a mata. Todos os animais da floresta estavam presentes. O evento foi muito divertido.

E assim terminou a aventura dos nossos heróis da floresta Amazônica.

Glossário

Neste glossário temos algumas informações a respeito dos animais que participaram da aventura deste livro. Todos esses animais pertencem à fauna da floresta Amazônica, eles têm dois nomes: um nome científico e um nome popular. Para facilitar a leitura, você precisa saber que os nomes entre parênteses são os nomes científicos e os outros, fora dos parenteses, o nome popular.

Ah! Também vamos conhecer um pouco dos seres encantados que ajudaram nossos heróis durante o resgate dos animais presos.

Então vamos lá!

Anta (TAPIRUS AMERICANUS) – Mamífero de pêlo preto ou avermelhado, muito forte, ágil e bom nadador. Sua alimentação é a base de ervas e frutas. Mede 2 metros de comprimento e pesa até 180 quilos. Apesar do tamanho seu grito é apenas um assovio fino e curto. É um animal pacato.

Arara Juba (ARATINGA GUAROUBAL) – Pássaro muito bonito por suas cores exuberantes. Tem um grasnar muito forte. Sua alimentação preferida é o milho.

Bem-te-vi (PITANGUS BELICOSSUS) – Ave de costas morenas, abdome amarelo, garganta branca e fitas brancas e amarelas na cabeça. È muito barulhento no seu cantar.

Borboleta (HELICOPIS CUPIDO) – Inseto lepidóptero.

Camaleão (IGUANA TUBERCULATA) - Réptil que muda de cor constantemente para se proteger dos predadores. É um bom nadador mais gosta de viver no solo. Pode atingir até 1,70 de comprimento.

Cobra-cipó (LEPTOPHIS) – Réptil muito magro e comprido, de cor verde, que se confunde com a folhagem da mata entre os cipós. Não é uma cobra venenosa, não ataca homens e possui hábito de viver em árvores.

Coruja: Ave com hábitos noturnos. Possui visão e audição bem desenvolvidas e consegue voar muito silenciosamente.

Cutia (DASYPROCTA AGUTI) – Mamífero roedor que vive em matas secas e se esconde em buracos de árvores, se alimenta de frutas e sementes. Existe em três variedades: de pêlos pretos, de pêlos ruivos e de pêlos pardos.

Jacaré Açu (CAIMAN NIGER) – Réptil de cor preta, que vive ao mesmo tempo na água e na terra. Chega a medir 5 metros de comprimento.

Jaguatirica (FELIZ PARDALIS) – É uma pequena onça medindo cerca de 75 a 80 cm.

Macaco Guariba (SÍMIO PLATIRRINO) – Mamífero de pêlo ruivo ou preto, de barba espessa e voz forte. Mede cerca de 65 cm. Vive em árvores, quase nunca descendo ao solo.

Onça Pintada (FELIS ONÇA) – Felino considerado o maior na sua categoria, na Amazônia, chegando a medir 1,60 de comprimento e 65 cm de altura. É muito forte e tem ótima audição.

Onça Suçuarana (FELIS CONCOLOR) – Felino também conhecido como Onça Vermelha. Geralmente mede cerca de 1,30 de comprimento.

Papagaio Verdadeiro (AMAZONA AESTIVA) – Ave trepadora, muito conhecida pela sua capacidade de imitar a voz humana. O papagaio verdadeiro, também conhecido como AJURU, tem a plumagem do corpo verde, fronte azul e branca, face e garganta amarelas.

Pavão/Pavoa (EURYPYGIA SOLARIS) – Ave pernalta paradisíaca, de plumagem belíssima, de cor parda azulada e caprichosamente listrada de preto e branco. Tem um andar muito elegante e um assovio suave.

Curupira: Ser lendário da Amazônia, descrito como um menino de cabelos de fogo e pés com os calcanhares para frente, protetor da fauna e da flora. O Curupira castiga severamente os caçadores ou predadores da floresta; principalmente aqueles que caçam além da necessidade de subsistência. Em muitos casos contados, o Curupira enfeitiça os caçadores para que não consigam sair da mata e passem horas caminhando sempre pelos mesmos locais e andando em círculos. Feito isso, em algum lugar bem próximo, o Curupira fica lhe observando. Daí só resta uma alternativa para se livrar da magia: parar de andar, pegar um pedaço de cipó e fazer dele uma bolinha. Deve-se tecer o cipó muito bem escondendo a ponta, de forma que seja muito difícil desenrolar o novelo. Depois

disso, a pessoa deve jogar a pequena bola bem longe e gritar: "quero ver tu achares a ponta". O enfeitiçado deve aguardar um pouco para recomeçar a tentativa de sair da mata. Diz a lenda que, de tão curioso, o Curupira não resiste ao novelo. Senta e fica lá entretido tentando desenrolar a bola de cipó para achar a ponta. Vira a bola de um lado, de outro e acaba se esquecendo da pessoa de quem enfeitiçou. Dessa forma, desfaz-se o encanto e a pessoa consegue encontrar o caminho de volta.

Mapinguari: Ser da mitologia Amazônica. Diz-se que é um gigante peludo, parecido com um macaco, com um olho na testa e a boca na barriga. Para uns, ele é realmente coberto de pêlos, porém usa uma armadura feita do casco da tartaruga, para outros, a sua pele é igual ao couro de jacaré. Há quem diga que seus pés têm o formato de uma mão de pilão. A criatura é feroz e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda. Os ribeirinhos amazônicos contam muitas histórias de grandes combates entre o Mapinguari e valentes caçadores. O Mapinguari sempre leva vantagem. Há quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando a noite para dormir. Outros contam que ele só aparece nos dias santos ou feriados.

Licença: